

Engenharia social na terra do chimarrão

# VI Fórum Internacional do Software Livre

Sobre o que você esperava conversar? Sociedade, empresas, negócios, religião, filosofia, relacionamento, governo, ensino, vida social, ideologia, Software Livre? Pois foi exatamente o que eu pude presenciar durante a mais recente edição do maior fórum de Software Livre no mundo. Sim, alguns dos velhos problemas ainda existem, mas houve também alguns novos sucessos. Vou tentar relatar através da minha percepção tudo que aconteceu, como se isso fosse tarefa possível para uma pessoa só.

POR HÉLIO CHISSINI DE CASTRO

**C**omeçando pelas amenidades: depois de anos freqüentando o evento, é bom chegar ao pavilhão de conferência da PUC/RS no momento em que as coisas estão começando a fervilhar nos pré-eventos e com todo o burburinho dos estandes na exposição – que já estão recebendo os últimos retoques. Como de praxe rumei para o estande do projeto KDE Brasil (do qual faço parte), no pavilhão de grupos de usuários. E como de costume ele serviu como uma casa amiga para os colegas usarem como base: este ano, Augusto Campos, editor do site BR-Linux, dividiu irmanamente seu tempo entre aquele e outros estandes.

Minha primeira impressão sobre o *layout* da área de exposição deste ano foi de reprovação. Ledo engano, admito. O grande espaço central entre os grupos de usuários, os telecentros e um único “paredão” com os demais estandes deu ao local um clima definitivamente caloroso. Todas as pessoas circulavam por todos os lugares, praticamente todos podiam se ver, conversar, trocar idéias, enfim, se socializar. E isso me leva ao tópico seguinte.

## Adeus à inocência...

Sim, os anos se passaram. Muitos dos presentes já trabalham com Software Livre e código aberto há tantos anos que já perderam as contas. Já passamos por fases radicais e evangelizadoras e por fases de incerteza. Qualquer semelhança com a chegada da maturidade emocional na vida real não é mera coincidência. Os grupos de usuários, outrora defensores da própria sombra, já sabem conversar entre si. Os caçulas já entram nesse mundo com um irmão mais velho e experiente para ajudá-los a não passar pelas mesmas dificuldades por que todos passamos.

Pena que essa não seja uma verdade universal. Essa maturidade ainda está longe de alcançar dois extremos cruciais, diametralmente opostos: os filósofos evangelizadores do Software Livre nacional ainda desfilam o mesmo discurso de priscas eras. E mesmo não sendo a minoria (considere-se a imensa onda de Projetos de Software Livre que foram criados, poucos realmente efetivos. Em determinado momento ninguém sabia exatamente quantos existiam), tornaram-

se datados e simplesmente parecem não evoluir com a corrente. Esses idealistas vão levar um sensível choque quando o outro lado, o corporativo, atingir a maturidade, ou seja, descer humildemente de seu pedestal para entender como se deve conversar com aquele que irá gerar suas próximas receitas. Sob meu ponto de vista, as corporações vão aprender rápido, mais do que estamos prontos para assimilar, e os demais vão ter que arregaçar as mangas e trabalhar – sob o risco de desaparecer, esmagados por seu discurso.

O governo? O governo vai bem, caminhando no seu processo de migração que já dura três anos, passando por várias mudanças, adotando vários enfoques, experimentando várias idéias, vários projetos. E falando em corporações...

## Se você construir eles virão...

Elas estavam lá, ainda tímidas, mas mostrando (algumas claramente, outras não) a que vieram: as megacorporações do mundo de TI! As empresas trouxeram sua máquina de guerra marketológica, com direito a estandes caprichados, as



famosas “garotas de estande”, material de divulgação e brindes. Um calafrio me passou pela espinha ao sentir, nesse trecho da exposição, uma aproximação com eventos passados, como a Comdex ou Fenasoftware – que hoje entendo como eventos vazios em personalidade, coisa que o FISL, definitivamente, não é.

Meus parabéns especial à Sun Microsystems, que parece estar aprendendo a entrar no jogo. Tive algumas conversas com seus desenvolvedores presentes e com os “managers”; eles estavam com o pé no chão e uma boa idéia de onde querem chegar (a surpresa veio duas semanas depois, com o OpenSolaris), ao contrário de outras empresas que estavam por ali com um estande que mostrava algo perto do nada (síndrome da Comdex?) mas que gastaram uma boa quantia só para aparecer.

A única empresa que, a meu ver, já entrou no jogo a seu modo é a IBM, que está começando a definir serviços reais baseados em Software Livre e código aberto. Mas a pergunta que ficou sem resposta foi: onde estavam as grandes empresas

brasileiras de Linux? A Conectiva, agora Mandriva, não compareceu. Porém, como a fusão era recente, talvez esse tenha sido um modo elegante de não dar a cara a bater tão cedo por não mostrar o resultado da integração. A Freedows, do Freedows Consortium, do qual a Cobra faz parte, não apareceu nem mesmo no estande da Cobra Tecnologia. Havia um agradável estande da Insigne, que sofrera duras críticas pela mídia na semana anterior ao evento, mostrando suas soluções, e havia o representante comercial da SUSE para o Brasil. E só.

### A volta ao mundo em mais de 200 palestras...

O sonho de todo participante de um evento como o FISL se realizou: centenas e centenas de palestras. Mas o que mais me chamou a atenção foi a escolha dos temas que, à exceção dos palestrantes principais, foi orientada pelos maiores patrocinadores (em nosso caso, principalmente algumas instituições do governo brasileiro), bem como os membros do comitê, alguns já criticados em anos anteriores por sua

orientação demasiado filosófica ou política. O resultado foi um número excessivo de palestras sobre filosofia, governo e política (inclusão social). Apesar de ter se proclamado por aí que a grade estava equilibrada, diversos grupos, como o Python-BR, tiveram suas propostas de palestra recusadas, enquanto alguns poucos temas, como Java, dominaram brutalmente as palestras técnicas. Com apenas uma por período, espalhadas entre cinco salas, elas se tornaram a minoria absoluta.

Porém, o que há de mais valioso, e isso já desde os últimos anos, são os debates montados em cima de discussões de temas polêmicos. O primeiro deles foi sobre Linguagens e Orientação a Objetos aplicadas ao ensino, em que se demonstrou claramente a fragilidade do sistema de ensino na maioria das universidades de computação, cuja proposta é ensinar e formar profissionais competentes.

Logo em seguida houve um monstruoso debate, praticamente um *flame war* ao vivo, sobre o Futuro do Software Livre no Brasil. Gostaria de dar os parabéns ao pessoal do comitê dessa palestra pela coragem de escolher pessoas tão distintas e de visões tão opostas para participar do debate, pois isso permitiu que as famosas “figurinhas carimbadas” do cenário filosófico/político nacional que, havia anos, apareciam sozinhas à frente das palestras principais, tivessem que partir para uma guerra aberta com quem realmente vive do movimento e faz com que ele aconteça. Na minha opinião pessoal, já estava mais que na hora de mostrar as coisas como são e não como os idealistas imaginam.

Todas as palestras foram transmitidas via Internet graças ao esforço hercúleo da TV Software Livre, montada pela equipe das meninas do Infomedia TV, que passou por maus bocados durante o evento para conseguir manter o ritmo alucinado de trabalho.

E os grandes palestrantes? Bom, há coisas duras a se falar sobre isso, porém antes vamos a algo que me deixou orgu-



Figura 1: Eric Raymond era uma das celebridades presentes ao evento.

lhoso e que provou que avançamos em nossa área: a presença de Eric S. Raymond. Durante o primeiro dia do evento levei o amigo Andras Mantia (Mantenedor do Quanta) para conhecer o local; visitamos por último a sala de palestrantes, onde normalmente ficam os estrangeiros, meio acuados por não falarem o idioma tupiniquim. Fiquei feliz ao encontrar o prof. Leon Shiman (do X.org Consortium/MAS), que já havia conhecido em eventos anteriores, e lá estava Eric Raymond. Mesmo pra mim, já escolado em eventos e figurinhas importantes, era uma pessoa que eu respeitava muito. Fiquei surpreso então, ao convidar o Prof. Shiman para conhecer a exposição e ver que Eric decidiu vir junto. A partir daí eu pude apresentá-lo a todos os conhecidos, às empresas, mostrar como funcionavam os projetos governamentais (é uma pena que a maioria dos representantes dos projetos do governo não sabia falar inglês), e principalmente os grupos de usuários. Eric Raymond acabou montando base no estande despojado e alegre das LinuxChix e se pôs a conversar com todas e querer saber de tudo. Acabou saindo com o pessoal à noite, dançando e se divertindo muito, apesar de suas dificuldades motoras. É realmente uma grande pessoa.

Sua palestra foi nova e completamente diferente: polêmica, provocante e provocou insurgências nas redondezas. Não era mais o discurso único de “abrir as comportas” e “sacudir o jugo”. Era sobre o próximo passo: como cooperar e entender o mundo das empresas. Foi um banho de água fria nos filósofos e pôs um sorriso de alegria no rosto de quem precisa sobreviver com Software Livre.

No dia seguinte perguntei a Eric sobre a palestra e ele me disse que após ter conversado com várias pessoas no evento, viu que sua palestra original não fazia mais sentido, já que estávamos entrando no próximo estágio evolutivo de mercado, decidindo então alterar a proposta origi-

nal da palestra de “Catedral e Bazar” por esta que é exatamente o que ele deseja divulgar atualmente. Depois, afirmou que ela gerou reações similares às da primeira vez em que foi apresentada

### Mas nem tudo são flores...

É inegável que durante o evento tivemos tradutores excelentes e que também havia meninas maravilhosas nos estandes. Agora você me pergunta: o que ambos os assuntos têm a ver? Muita coisa, se o tema for a preparação.

Quanto aos tradutores, deixo uma dica para a organização: preparem os profissionais com alguma informação básica sobre o jargão técnico comumente usado nas palestras que eles irão traduzir e alertem sobre palavras que não devem ser traduzidas (e geralmente são traduzidas literalmente) por pertencer ao linguajar técnico usual. Esse problema já aconteceu nos anos anteriores e não creio que seja difícil de corrigir.

E quanto às meninas dos estandes? Bom, ouvi de uma colega que isso faz parte do show. Respondi que não faz parte do meu show em Software Livre. Sim, eu quero vê-las ali, lindas e sorridentes, porém eu não quero que sejam apenas a pessoa que aponta para a outra pessoa engravatada ao menor sinal de dúvida por parte de um visitante. Como comunidade, sempre tivemos a meta pessoal de ensinar a qualquer pessoa, independente de sexo, raça ou credo (vide telecentros) a usar Software Livre; por que deveria ser diferente com elas? Custa tanto ensinar a elas um pouco sobre aquilo que o estande em que estão trabalhando vai mostrar e falar? O resultado seria mais agradável do que o que vemos hoje. Aliás, meus parabéns à Linux Magazine, que fez exatamente o que sugeri acima. Explicou a elas sobre o que era a revista, sobre o que falava. Quem fosse ao estande da Linux Magazine atrás de informação não precisou ouvir que teria que voltar mais tarde.

E porque toco nesses dois pontos? Porque foi assim que todos nós criamos esse movimento, ensinando alguém novo e convidando-o a engrossar nossas fileiras. E falando em todos nós, não podia deixar de mostrar que mesmo eu estou aprendendo a trabalhar como os novos engenheiros sociais desse movimento...

### Comunidades em conflito...

Infelizmente não posso deixar de mencionar, com pesar, alguns dos pontos negativos do evento. O tratamento dispensado aos palestrantes é diferenciado em três níveis: os estrangeiros, os próximos e os demais. É difícil de entender porque somente uma parte deles foi convidada para o churrasco oficial dos palestrantes (muitos nem souberam). Também é difícil de entender quais os critérios de decisão quanto a pagar ou não as despesas de viagem dos palestrantes e o porquê de somente os estrangeiros terem esse privilégio. Será que eles têm algo a mais, que não temos aqui, para merecer essa atenção especial?

Também presenciei pessoalmente episódios como a exclusão forçada de imprensa específica da sala de palestrantes, por motivos não totalmente claros, e o desdém de alguns estrangeiros, em especial o desagradável contato com a Sra. Danese Cooper da OSI (*Open Source Initiative*), que aparentemente não entendeu direito o que estava fazendo lá.

Principalmente, destaco como ponto negativo a falta de um caminho “pós-evento” que poderia ser sugerido aos visitantes de fora, talvez por alguma empresa de turismo responsável. Existia uma clara dificuldade, entre os visitantes, em saber o que fazer ao chegar pela primeira vez a Porto Alegre para participar desse evento. Como evento social em si, o FISL deveria se aproveitar de seu potencial para conquistar também a noite de Porto Alegre. Quatro mil pessoas merecem essa atenção extra.

## E os 99 balões vão para...

Felizmente, várias coisas me impressionaram e me deixaram com uma avaliação positiva do evento. Como a impecável organização técnica: mesmo com seus probleminhas na rede, ou um ou outro microfone engasgando, tudo funcionou redondinho, até o site, que tinha uma apresentação agradável e tornava fácil “vasculhar a grade”. Os membros dos grupos de usuários fizeram um FISL mais maduro e alegre do que o usual, com destaque especial para as meninas do LinuxChix, que deram uma alma ao local, e o irrequieto Leonardo Vaz, que era o agitador social, responsável por um baita churrasco para a galera, eventos paralelos e momentos únicos de diversão. Eric Raymond e Russell Nelson (também da OSI, mas que entendeu o que estava fazendo lá) foram uma dupla dinâmica que ficou ao redor dos grupos de usuários escutando e ensinando. Sérgio Amadeu finalmente parecia à vontade com o ambiente e John “eu sou a paciência em pessoa” Maddog Hall novamente estava em todas. E, é claro, agradeço a todos os que não trabalharam lá, mas foram participar e ajudaram a criar o que realmente é o evento... uma grande rede social ao vivo. ■

## Uma imagem vale mais do que mil palavras

No CD que acompanha esta edição, temos um presente a todos os que quiseram participar do VI FISL, mas não puderam comparecer: duas reportagens em vídeo com quase uma hora de duração no total, elaboradas pela Infomedia TV, e um *slideshow* com 36 fotos tiradas durante o evento.

Entre os destaques das reportagens estão entrevistas com Eric Raymond, e Russel Nelson (um dos fundadores da Open Source Initiative), resumos das principais palestras e acontecimentos, um perfil com Sulamita Garcia, líder das LinuxChix no Brasil e vários depoimentos e enquetes com os participantes.

O disco é um Vídeo CD (VCD), formato de vídeo digital em CD-ROM compatível com a maioria dos DVD Players do mercado. Basta colocar o disco no player e, no menu inicial, apertar **Play** para assistir as reportagens em sequência. Se quiser ir direto a uma reportagem ou ao *slideshow*, basta pressionar no controle remoto o número correspondente, seguido de **OK** (**Enter** ou **Play**, dependendo do aparelho). Por exemplo, para assistir a segunda reportagem, pressione no controle remoto a tecla **2**, seguida de **OK**. Durante o *slideshow*, é possível usar as teclas **<** e **>** para avançar e retroceder entre as imagens.

No computador, você pode assistir aos vídeos usando softwares como o *Totem*, *MPlayer*, *Videolan* e *Xine*. No *Totem*, basta usar selecionar o item **Play Disc** no menu **File**. No *Videolan*, selecione **File | Open Disc... | VCD**. No *MPlayer*, o comando é `mplayer vcd://x`, onde *x* é o capítulo a reproduzir (1, 2 ou 3). Alguns programas podem não exibir o menu inicial ou o *slideshow*. Isto não é uma falha de nosso disco, mas sim do programa.